

" A I N T R U S A "



AUTOR: MAURICE MAETERLINCK

PERSONAGENS : Avó
Mãe
Tia
Duas filhas
Irmã de caridade
Criada

DIREÇÃO : Vaniê Brown

CENÁRIO: Um compartimento sombrio de um velho castelo. Portas à direita e à esquerda e uma outra, menor, dissimulada num ângulo. Ao fundo janelas de vitral, as que predominam a cor verde, e uma grande porta, emvidrada que abre para a terração. A um canto um grande relógio flamenco. Uma lâmpada acesa.

A ação decorre nos tempos modernos.

- URSULA - Apesar disso, vêm-se as estrelas.
AVÓ - Parece-me que aqui está muito escuro.
MÃE - Podemos ir para o terraço.
TIA - Não está melhor ficando aqui? Tem chovido muito e as noites estão muito húmidas e frias.
URSULA - Apesar disso, vêm-se as estrelas!
TIA - Ora! As estrelas não mostram coisa nenhuma.
AVÓ - Melhor ficamos aqui. Nunca se sabe o que pode acontecer.
MÃE - Não há razão para nos inquietarmos. Agora ela já está livre de perigo.
URSULA - Pois eu não acho nada disso.
MÃE - Por que não vais?
AVÓ - Cuidá há pouco a sua voz.
MÃE - Mas os médicos dizem que podemos estar tranquilos...
URSULA - De resto, não há nada de novo de nos agustar com o tempo.
MÃE - É que eu não saje como os outros.
TIA - Por isso mesmo deve fiar-se naqueles que vêm. Hoje à tarde ela

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

decompor, e até mesmo de sair do



TIA - Quando a Doanca entra numa casa, parece que um estranho se misturou à família.

MÃE - Mas é nessas ocasiões que se vê como, fora da família, não se pode contar com mais ninguém.

TIA - Tem razão.

AVÓ - Porque não vai lá para ver a minha pobre neto.

TIA - Bem sabe que o médico proibiu.

AVÓ - (indicando a porta esquerda) -Ela não nos ouve?

MÃE - Não, não, não, não. Lá dentro os muros são espessos e a irmã de Doanca não quer que ela, vindo-nos de fora, nos fixe os olhos demasiado tempo.

AVÓ - (indicando a porta da direita) -E ele?

MÃE - Também não deve ouvir nada.

TIA

MÃE - Não, não, não.

AVÓ - Talvez seja melhor ir ver.

TIA - O pequeno inquieta-me. Desde que nasceu, quase não fez ainda um movimento, não gritou, não chorou...Dir-se-ia uma criança de cera.

AVÓ - Não, não, não, não. Não dá para ver a ser surdo, e talvez mudo. É no que se dá a diferença entre primos...

(Silêncio reprovaçor)

MÃE - Não, não, não, não. Não dá para ver a ser surdo, e talvez mudo. É no que se dá a diferença entre primos...

MÃE - Então pergunto, que culpa tem ele? É preciso sermos justos. Ele está sozinho?

MÃE - O médico não quer que ele fique junto com a mãe.

TIA

MÃE - Não, não, não, não. Não dá para ver a ser surdo, e talvez mudo. É no que se dá a diferença entre primos...

MÃE - Sim, mamãe.

(Doanca e a irmã de Doanca, de mãos dadas, entram no quarto da mãe)

MÃE - A que horas ficou de vir nossa irmã?

TIA - Belas nove horas, creio.

MÃE - Não, não, não, não. Não dá para ver a ser surdo, e talvez mudo. É no que se dá a diferença entre primos...

TIA - Tem com certeza. Ela já estava aqui?

MÃE - Nunca entrou nesta casa.

TIA - É-lhe difícil sair do convento.

MÃE - Não, não, não.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



TIA - Suponho que uma freira a acompanhará. Não podem sair sozinhos.
MÃE - Mas ela é a superiora.
TIA - A regra é igual para todas.
AVÓ - E não têm medo?
TIA - E porque haviam de ter medo? Não sabem mais o que é medo?
AVÓ - É ela a mais velha?
TIA - Sim, é a mais velha de todos nós.
AVÓ - Não sei o que tenho, mas não me sinto sossegada. Gostaria que a irmã de vocês já estivesse aqui.
TIA - Ela prometeu, não faltará.
AVÓ - Gostaria que esta noite já tivesse passado!

(Tornam a entrar as duas filhas)

MÃE - E então?
URS - Ele dorme profundamente.
TIA - Que vamos fazer enquanto esperamos?
AVÓ - Enquanto esperamos o quê?
TIA - Que chegue nossa irmã!
MÃE - Úrsula, não vês ninguém apontando a cabeça?
URS - (junto da janela) Não, mamãe.
MÃE - E na alameda? Vês daí a alameda?
URS - Sim. O luar ilumina-a até ao bosque de ciprestes.
AVÓ - E não vês ninguém?
URS - Não, você, ninguém.
TIA - Como está o tempo?
URS - Lindo... Não ouvem os rouxinóis?
TIA - Ouço, ouço.
URS - Levantou um pouco de vento na alameda.
AVÓ - Um pouco de vento na alameda?
URS - Sim, as folhas das árvores estremecem levemente.
TIA - É estranho que minha irmã ainda não tenha chegado.
AVÓ - Agora já não se ouvem os rouxinóis.
2ª Filha - Fazeca-me que alguém entrou no jardim.
AVÓ - Quem?
2ª Filha - Não sei, não se vê ninguém.
TIA - Certamente não era ninguém.
URS - Há-de haver alguém no jardim. Os rouxinóis emudeceram de repente.
AVÓ - Mas não se ouvem passos...
URS - Alguém se aproxima do lago... Os cisnes estão com medo.
MÃE - E não vês ninguém?
URS - Ninguém.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MÃE - Mas o luar bate no lago...

ÚRS - Por isso mesmo é que eu vejo que os cisnes estão com medo.

TIA - Tenho certeza de que foi nossa irmã que os assustou. Deve ter entrado pela porta da varanda.

MÃE - Porque será que os cães não ladram?

ÚRS - Vejo o cão de guarda escondido na casa. E os cisnes fogem para a outra margem.

TIA - Já ouviu o ruído da varanda. Vou chamá-la. (chama para fora) És tu, minha irmã? És tu? Não tem ninguém lá fora.

ZAF - Tenho a certeza de alguém entrou no jardim.

TIA - Se fosse ela, teria respondido!

AVÓ - Não, não, as vizinhas não começaram a cantar?

ÚRS - Não se ouviu nada...

MÃE - Foi um silêncio de lá fora.

AVÓ - Só uma desconhecida poderia assustá-los porque, se fosse alguém da casa, eles não se calariam.

TIA - Que é isso agora, os vizinhos?

ÚRS - Não sei, mas ouvi algo lá fora, Ursula?

ÚRS - A porta encaixada está aberta de par em par, vovó.

AVÓ - De repente entrou o frio neste quarto.

ÚRS - Há um pouco de vento no jardim, vovó, que faz desfolhar as rosas.

MÃE - Fecha então essa porta. Já é tarde.

ÚRS - Não se pode fechar a porta.

ZAF - Não conseguimos fechá-la.

AVÓ - Que aconteceu, minhas filhas?

TIA - Não é preciso dizer isso nesse tom. Eu ajudo a fechar.

ÚRS - Não se consegue fechá-la completamente.

TIA - Será por causa da unidade. Força! Deve haver qualquer coisa entre os batentes.

(Ouve-se subitamente o ruído de uma foice que está sendo aguçada lá fora)

AVÓ - [estremecendo] - Meu Deus!

TIA - Que é isso?

ÚRS - Não sei bem. Parece-me que é o jardineiro. Daqui não o vejo bem, parece entrar na parte do jardim que o luar não ilumina.

ZAF - Não sei, mas ouvi algo lá fora.

TIA - Da porta da varanda.

MÃE - A erva ao redor da casa cresceu muito.

AVÓ - Tu e vós, Ursula?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MRS - Não, vovó. A sombra não o deixa ver.

AVÓ - Então, não se queira ela acorde a minha neta.

MRS - Não se queira.

MRS - Pois se o velho não se estivesse deitando dentro de casa,

MIA - não há perigo, a gente não pode ouvi-lo.

MÃE - Parece que esta noite a lâmpada não arde bem.

MIA - Talvez a lâmpada da cozinha.

MRS - Não, não. Não se preocupe. Quando que se fechou a janela a luz enfra-queceu.

MIA - É o vidro que está embaçado.

(silêncio)

AVÓ - (acordando) -Estou voltada para o terraço?

(silêncio)

AVÓ - Não, não estou voltada para o terraço?

MRS - Sim, vovó.

AVÓ - Tem alguém no terraço?

MRS - Não, não vejo ninguém.

MRS - Não, não vejo ninguém. Não se preocupe, a irmã de vocês ainda não chegou.

MIA - Já é muito tarde; agora não creio que venha.

MÃE - Começo a ficar inquieta.

(silêncio)

MIA - Ela aí está? Não ouvimos?

MÃE - Ouvi, alguém entrou.

MIA - Deve ser ela. Conheço-lhe os passos.

MIA - Ela entrou, mas não avançou.

MIA - Ela entrou, mas não fez barulho.

MIA - Parece que há um doente em casa.

AVÓ - Agora já não ouço nada.

MÃE - Ainda bem que ela veio.

MIA - Ela não é a mesma da que ela não faltaria esta noite.

MIA - Ela não é a mesma da que ela não faltaria esta noite.

(silêncio)

MIA - Ela não é a mesma da que ela não faltaria esta noite.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MÃE - Vou chamar a criada; assim saberemos o que se passa.

(Val puxa o cordão da campainha.)

AVÓ - Agora ouço ruído na escada.

MÃE - É a criada; ou eu chamei.

AVÓ - Parece que não sou eu.

MÃE - Mas como sou devagani

(bater à porta)

MÃE - Quem é?

(abre a porta, a Criada fica de fora, no limiar)

MÃE - Quem é?

AVÓ - Quem é? Não sei.

MÃE - Quem entrou aqui minha senhora?

AVÓ - Não sabe de entrar alguém?

MÃE - Não sei, minha senhora.

AVÓ - Não sei, minha senhora.

MÃE - Não sei, minha senhora.

AVÓ - Não sei, minha senhora.

MÃE - É porque havia ela de chorar?

AVÓ - É criada? - Ninguém entrou?

MÃE - Não sei, minha senhora.

AVÓ - Não sei, minha senhora.

CRI - Fui eu que a fechei.

MÃE - Estava, então, aberta?

CRI - Sim, senhora.

MÃE - Mas como a senhora não estivera aberta a esta hora?

CRI - Não sei, senhora, eu a fechei.

MÃE - Mas então quem foi que a abriu.

CRI - Não sei, minha senhora. Só se alguém saiu depois de mim...

MÃE - É preciso tomar cuidado! Mas não empurre a porta!

CRI - Não sei, senhora, eu a fechei.

MÃE - Não diga isso! Eu bem vejo empurrá-la como se quisesse entrar!

CRI - Não pode ser, eu estou afastada da porta!

MÃE - Fale mais baixo.

AVÓ - Apagaram a luz?

CRI - Não, senhora.

MÃE - Não sei, minha senhora.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MÃE - (para a criada) -Volte lá para baixo, mas não torne a fazer barulho no andar.

TIA - Mas eu não fiz barulho.

MÃE - Nós bem ouvimos. Desça devagar para não acordar a senhora. E se vier alguém,diga que não estamos.

TIA - Isso mesmo, que não estamos.

AVÓ - (astrosamente) -Não deviam ter dito isso!

MÃE - A não é para minha irmã e para o médico.

TIA -- A que horas virá o médico?

MÃE - Depois da meia-noite.

(Depois da meia-noite, o relógio deixa cair um badalada de meia hora)

AVÓ - Ela entrou?

MÃE - Quem?

AVÓ - A criada.

MÃE - Mãe, não se preocupe com a senhora.

AVÓ - Ela já está sentada à mesa.

TIA - A criada?

AVÓ - Sim.

TIA - Mas o que fazia?

AVÓ - Ela estava sentada à mesa.

MÃE - Ela estava?

AVÓ - Estão a me enganar!

TIA - A enganá-la?

AVÓ - Óculos, fivelas, tudo que se usa na cidade, pelo amor de Deus!

MÃE - Não, não se preocupe com isso.

TIA - Não se preocupe com isso.

(Mãe e Tia trocam sinais dando a entender que a Avó perdeu a razão)

MÃE - Não se preocupe com isso.

TIA - Não se preocupe com isso.

AVÓ - Porque é que me querem enganar?

TIA - Ninguém pensa em enganá-la.

AVÓ - Porque é que apagam a luz?

MÃE - Não se preocupe com isso, a luz está tão clara como lá fora.

TIA - Não se preocupe com isso, a luz está tão clara como lá fora.

AVÓ - Não se preocupe com isso, a luz está tão clara como lá fora.

MÃE - Não se preocupe com isso, a luz está tão clara como lá fora.

TIA - Não se preocupe com isso, a luz está tão clara como lá fora.

AVÓ - Não se preocupe com isso, a luz está tão clara como lá fora.

MÃE - Não se preocupe com isso, a luz está tão clara como lá fora.

TIA - Não se preocupe com isso, a luz está tão clara como lá fora.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90070-025



AVÓ - Abriste a janela, Úrsula?

ÚRS - Sim, vovó, de par em par.

MÃE - Que extraordinária situação!

AVÓ - Gostaria de servir na sua profissão, Úrsula?

ÚRS - Quase meia-noite vovó.

(a Tia começa a caminhar de um lado para outro da casa)

AVÓ - Quem é que está a andar de um lado para o outro?

TIA - Sou eu, sou eu, não se assusta. Senti necessidade de fazer um pouco de movimento. Mas vou sentar-me outra vez.

(silêncio)

AVÓ - Gostaria de estar noutro lugar.

ÚRS - Onde;vovó?

AVÓ - Não sei, noutro lugar, mas não aqui! Não aqui!

MÃE - Para onde queria que fôssemos?

AVÓ - Agora é muito tarde para irmos para outro lugar.

(silêncio, estão todos sentados imóveis)

AVÓ - Que foi isso, Úrsula?

ÚRS - Nada, vovó, devem ser as folhas que caem no terraço.

AVÓ - Fecha a janela, Úrsula.

(vai fechar a janela e depois torna a sentar-se)

AVÓ - Tenho frio. (silêncio) E agora, o que é isto que eu estou ouvindo?

ÚRS - Foi eu que apertei os lábios.

(silêncio)

AVÓ - E agora?

ÚRS - Não sei, vovó... talvez as minhas mãos...

AVÓ - Também eu tenho medo, minha filha.

(nesse momento, um raio de lua atravessa os vitrais, entornando uma luz estranha sobre a cena. Começa a soar as doses badaladas da meia-noite, e ouve-se, ao cair da última badalada, o vago ruído, que se indistinto, de alguém que rapidamente se levanta. A avó estremece.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



AVÓ - Quem foi que se levantou?

TIA - Ninguém se levantou.

MÃE - Eu não me levantei!

AS DUAS FILHAS - Eu também não! Eu também não!

AVÓ - Quem se levantou da mesa!

TIA - Quem se levantou!

(Neste momento ouvem-se gemidos, vindos do quarto da criança, à
D; estes gemidos continuam a ouvir-se até o final da cena)

TIA - É a primeira vez que ela chora!

AVÓ - É a última!

(Na última da morte, todos escutam, num terror mudo, até que a
a porta do quarto da D se abre lentamente e a luz do quarto pe-
netra na cena. No limiar da porta aparece a irmã de caridade, ves-
tida de negro, que se inclina e faz o sinal da cruz para anunciar
a morte. Os outros compreendem e, depois de um momento de indeci-
são e horror, entram silenciosamente na porta D, deixando a cega,
sozinha, em cena.)

AVÓ - Por favor, não me deixem sozinha!

(Ela agrupa lentamente)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025